

“Um ano de grandes conquistas”

20 DEZ 1986

JOSE SARNEY ENTREVISTA

ESTADO DE SAO PAULO

Após cumprimentar os jornalistas credenciados junto ao Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto, o presidente José Sarney concordou em conceder uma rápida entrevista, reproduzida a seguir:

P — Qual o ponto mais importante no governo este ano, presidente?

R — Não tenho o direito de terminar o ano dizendo que pudesse destacar qualquer forma de aborrecimento, de ressentimento. Eu acredito que Deus tem sido tão generoso comigo, que não posso ter direito de ter ressentimento. Ao contrário, temos que ter agradecimentos pelo grande ano. Foi um ano de grandes conquistas, muito importante na história brasileira, pois determinou uma evolução social de tal maneira que não vai mais parar. Ela mudou o tipo de consumidor brasileiro, despertou aspirações, incorporou uma quantidade extraordinária de brasileiros no mercado de consumo, mudamos o padrão monetário e houve uma participação muito solidária da sociedade. E foi o ano de maior crescimento econômico do País. Antes, dizia-se que o brasileiro ia levar dez anos para chegar aos níveis de 1980. Em dois anos, porém, nós estamos chegando aos níveis esperados: crescemos 20%, o que significa crescer o que é a economia de um país como a Argentina.

P — Novos ajustes virão no Plano Cruzado em 1987?

R — A grande prioridade do governo em 87 é a manutenção do crescimento econômico. O Brasil não pode deixar de crescer. No crescimento está a solução de todos os nossos problemas. O crescimento gera empregos, riquezas, a paz social e dá condições ao País de resolver os seus problemas. A recessão o desemprego gera a fome. Todos nós devemos ficar engajados no sentido de manter o crescimento do País. Eu posso assegurar à Nação que esse crescimento vai continuar.

P — Nesse processo de crescimento, como conciliar a economia da iniciativa privada com as empresas estatais?

R — O desejo nosso é que esse crescimento seja feito no setor da iniciativa privada. Posso até dizer que um dos pontos no projeto do Cruzado que não correspondeu à nossa expectativa foi no que se refere aos investimentos, para que se equiparasse ao consumo. No momento em que sentirmos que na realidade o País pode deixar de crescer e houver sinais de recessão por falta de investimentos na iniciativa privada, o Estado tem a obrigação de entrar como um grande investidor para manter o nível de crescimento da economia.

P — Significa, então, que 87 será decisivo para novos ajustes no Plano Cruzado?

R — O Plano Cruzado tem um dinamismo próprio. Ele liberou forças tão grandes dentro da economia que passa a ter o seu próprio destino. A

economia não é geometria. O que eu peço hoje ao povo brasileiro é que as modificações que tenhamos de fazer e que forem necessárias sejam feitas de comum acordo. Para isso, estou convocando o pacto social para que não se possa estabelecer um confronto entre sociedade e Estado, precisamos ter co-responsabilidades nas decisões que tiverem de ser tomadas.

P — Quais são as linhas para esse pacto?

R — Se o governo colocasse uma posição de início, já faria uma limitação ao pacto. A melhor coisa que podemos fazer para mostrar a nossa boa vontade, nosso desarmamento e nossa boa-fé é justamente dizer que não queremos sentar na mesa excluindo alguém ou com uma agenda preestabelecida. Vamos discutir todos os nossos problemas.

P — O pacto vai ser por período curto?

R — Qualquer pacto que se tenha de fazer, tem primeiro que ser num período limitado. Para que? Para gerar confiança. Se não gerarmos confiança entre as partes, não chegaremos a bons resultados. O período curto é até uma exigência dos que vão participar do pacto. Gerada a confiança mútua, então podemos avançar. Para correr, temos que dar o primeiro passo.

P — E como fica a dívida externa, presidente?

R — A conduta vai ser a mesma. Defendemos os interesses do País e ao mesmo tempo temos as limitações. Temos a nossa linha vermelha. Sabemos que o Brasil não pode sacrificar o seu crescimento econômico, não pode condenar o povo a condições de sacrifício maior; e evidentemente vamos negociar a dívida dentro deste parâmetro.

P — Renegociar sem passar pelo FMI?

R — É uma questão superada. No momento em que assumi o governo, o Brasil tinha um acordo com o FMI pronto, que previa monitoramento da economia brasileira. Quem ia governar a economia seria o Fundo. Nós nos recusamos porque achamos que o Brasil tinha agora um governo sério. Adotamos, em vez da recessão, o crescimento econômico. O Brasil conseguiu um desempenho extraordinário e tem hoje um respeito internacional. O próprio Fundo já reconheceu que o projeto brasileiro deu certo.

P — Que tem agora o senhor a dizer ao País, no final do ano?

R — Todos sabem que sou um homem de fé. Eu disse nas Nações Unidas que maldito do homem que na face da terra não acreditasse em Deus. Quando nós iniciamos um novo ano e temos um Natal, que é uma festa da família, a minha palavra é de fé. Fé inquebrantável e certeza de que nós vamos continuar caminhando para que este país seja um grande país e que o nosso povo seja, a cada ano, mais feliz e que possa ter mais esperança no seu grande destino.